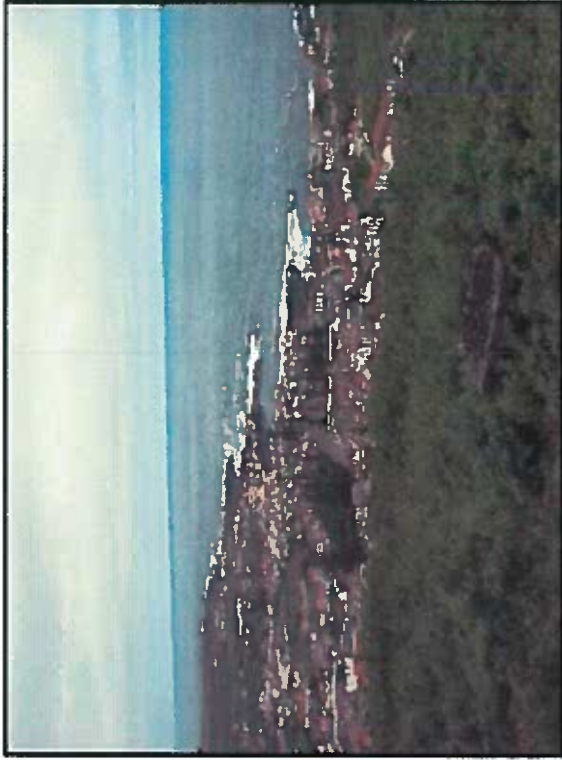
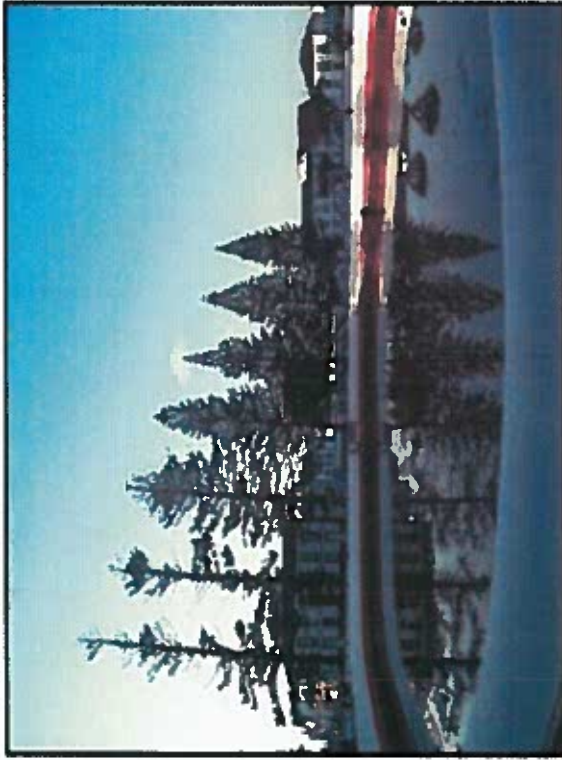




24º Colóquio da Lusofonia

24-27 de Setembro 2015

Entrada Livre - Hotel Graciosa Resort



Governo dos Açores



ambiente açores

XXIV

COLÓQUIO DA

LUSOFONIA

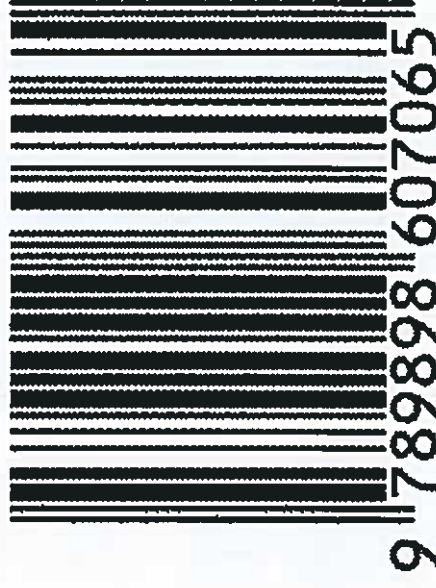
SANTA CRUZ DA

GRACIOSA 24-27

setembro 2015

**ATAS/
ANAIS**

ISBN 978-989-8607-06-5



ISBN 978-989-8607-06-5

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álvaro Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



2013 SEIA

Desde 2008 nos colóquios, liderou as performances musicais em BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDAÇÃO 2015

E SÓCIO FUNDADOR DA AICL/É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA-GERAL

DARÁ DOIS RECITAIS COM CAROLINA CONSTÂNCIA NO VIOLINO E COM CARLOS LOBÃO DO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



Santa Maria 2011



Moinhos 2014

ANABELA OLIVEIRA DA NAIJA SARDO é doutora em Literatura Portuguesa, mestre em Estudos Portugueses e licenciada em Ensino de Português e Francês.

Foi docente do Ensino Secundário de 1986 até 1991, altura em que ingressou no Ensino Superior Politécnico, tendo começado a lecionar na Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto do Instituto Politécnico da Guarda (IPG).

Foi, desde 2009, Diretora da Escola Superior de Turismo e Hotelaria (ESTH), onde lecionava desde o ano 2000, cargo que exerceu até janeiro de 2015.

Faz parte do Conselho Técnico-científico desta Escola desde 2002, tendo sido, durante cinco anos, Presidente deste órgão. Pertence, igualmente, ao Conselho Geral do IPG desde 2008, cargo para o qual foi reeleita em 2012.

É, neste momento, Presidente do Conselho Pedagógico da ESTH/IPG. É membro integrado da UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR (UDI) e faz parte da equipa coordenadora e investigadora do projeto do IPG "Observatório de Turismo da Serra da Estrela", com sede na ESTH/IPG.

É sócia fundadora da AICL - Associação dos Colóquios da Lusofonia. Faz parte da Comissão Científica Permanente desta Associação Internacional desde 2013 (trínio 2013 -- 15 e 15 -- 17).

Sobre a vida de Antonio Tabucchi (Itália, 1943 – Portugal, 2012) não iremos deter-nos longamente uma vez não ser esse o propósito deste breve texto e também porque o próprio autor não gostava que alguém tentasse reconstituir a sua vida, como um dia revelou a Enrique Vilas-Matas e o premiado autor catalão e estudioso da obra tabucchiana registou num interessante texto no qual conta também o momento em que decidiu tomar-se a “sombra” de Tabucchi: “Y retuve esa idea de Tabucchi de desorientar a quienes quieren reconstruir nuestras vidas. Y a partir de aquel día, tras enterarme de que él se consideraba la sombra de Pessoa, decidí convertirme en la sombra de Tabucchi y así ser la sombra de una sombra” (Vila-Matas, 2003). Este mesmo pensamento aparece logo no prólogo de *Mulher de Porto Pim*, quando Tabucchi escreve “Devo à sugestão de Oclavio Paz de que os poetas não têm biografia, e que a sua obra é a sua biografia (...)” (2013: 8). Deste modo, trataremos ao nosso texto apenas algumas breves pinceladas sobre a biografia e bibliografia de Tabucchi, em particular aspetos que deixam transparecer a sua paixão por Portugal.

Considerado como um dos grandes escritores italianos contemporâneos e um dos nomes marcantes da literatura europeia, autor cujas obras, amplamente traduzidas⁵⁵, eram aguardadas com expectativa, Tabucchi fez de Portugal uma segunda casa, lugar onde passou a viver parte da sua vida. Nasceu na província de Pisa, cidade onde fez os seus primeiros estudos. Estudou línguas e filosofia, ensinou em diversas universidades europeias (Bolonha, Roma, Génova e Siena) e foi *Visiting Professor* no Bard College de Nova Iorque, na École de Hautes Études de Paris e no Collège de France, empreendendo, igualmente, a aventura de viajar pela Europa.

Em Paris, descobriu, um dia em 1962, traduzida para francês, a obra que viria a marcar a sua existência, uma coletânea de poemas de Fernando Pessoa, que incluía a poesia de Álvaro de Campos “*Tabacaria*”, como se pode ler no artigo “*Antonio Tabucchi, traduttore di Fernando Pessoa è il simbolo della difesa dei diritti civili*”:

Al ritorno da uno di questi viaggi a Parigi, trovo su una bancarella nei pressi della Gare de Lyon, firmato con il nome di Alvaro de Campos, uno degli eteronimi del poeta portoghese Fernando Pessoa (1888-1935) il poema Tabacaria, nella traduzione francese di Pierre Hourcade. Dalle pagine di questo libricolo ricava l'intuizione di quello che sarà per più vent'anni l'interesse principale della sua vita. (S.A., 2002)

Apaixou-se de tal forma pelo que leu que decidiu estudar português para melhor compreender o desassossegado poeta das múltiplas personalidades. Transformou-se, de acordo com as suas próprias palavras, na “sombra de Pessoa” e, segundo Cardoso Pires, no “*narrador*” (Pires, 1994) do grande poeta sobre quem redigiu diversos ensaios. Com Maria José de Lencastre, a portuguesa com quem casou, traduziu e dirigiu a edição italiana da obra de Fernando Pessoa.

Escreveu regularmente para os jornais *Corriere della Sera* e *El País*, tarefa que lhe permitiu, em 2004, ser galardoado com o prémio de jornalismo Francisco Cerecedo, atribuído pela Associação de Jornalistas Europeus em reconhecimento pela excelência do seu trabalho jornalístico e pela defesa aberta e incondicional da liberdade de expressão. Paralelamente à sua atividade de pesquisa e crítica literária, desenvolveu uma marcante obra como ficcionista, de onde se destacam livros como *Donna di Porto Pim (A Mulher de Porto Pim, 1983)*, *Notturmo indiano (Notturmo Indiano,*

⁵⁵Os livros de Tabucchi foram traduzidos para mais de quarenta línguas.

Mulher de Porto Pim e outras histórias é um pequeno, contudo intenso livro, formado por um conjunto de relatos, memórias, “diários de viagens metafísicas”, contos breves, transcrições e outros textos (notas, mapas, legislação, bibliografia), que se transfiguram num “artefacto literário” acerca do Arquipélago dos Açores. A própria estrutura da obra apresenta-se à guisa de uma sequência de fragmentos melancólicos que surgem como pinceladas de um devaneio quimérico: um prólogo e um curto texto com título indiciador, “*Hespérides. Sonho em forma de carta*”; duas partes (*I. Naufrágios, destroços, passagens, lonjuras; II. De baleias e baleeiros*, na qual se inclui o conto que dá título ao livro); e um Apêndice, subtintulado “*Um mapa, Uma nota, alguns livros*”.

O professor e escritor americano Ethan Rutherford, num breve apontamento sobre esta obra, confessa-se apreciador de livros de viagens e qualifica entusiasticamente o livro de Tabucchi como “*estranho*” e “*maravilhoso*”, “*inclassificável*” e “*inventivo*”, comparando-o aos “*pequenos trabalhos*” (2013: 1) de autores como Michael Ondaatje e Italo Calvino. Nessa reflexão sobre *Mulher de Porto Pim e outras histórias*, Rutherford aponta os aspetos que demarcam decisivamente esta obra: o espaço, as ilhas dos Açores, e as temáticas unificadoras, essencialmente as baleias. Também refere uma qualidade que aí encontra, característica dos livros de viagens, ou seja, o facto dos mesmos nos oferecerem o caminho através do qual só a literatura pode permitir uma “georreferenciação” à vida.

Não é intuito da nossa reflexão discutir se este é ou não um “*livro de viagens*”. Assim, mesmo tendo em conta que a “*literatura de viagens*” é um subgénero literário, uma modalidade interdisciplinar do género narrativo, a qual, de acordo com Fernando Cristóvão, se manifesta “*em textos, de carácter composto, [que] entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por*

mar, terra e ar) temas, motivos e formas” (2002: 35), iremos usar as palavras do escritor e estudioso da obra de Tabucchi, Enrique Vila-Matas, para nos referirmos ao livro em análise. Estamos perante um “*artefacto literário*”, como registámos mais a cima no nosso texto.

Mulher de Porto Pim e outras histórias é muito mais do que um diário de viagens ou uma coleção de narrativas breves, porquanto alguns sentimentos como o deslumbramento, a melancolia e a saudade permeiam cada página, entretecendo-se de diferentes estilos e formando em si uma única viagem, como atesta a própria estrutura e o elucidativo prólogo. As anotações metafísicas, as ficções breves, as recordações reais ou inventadas, a “*biografia*” de Antero de Quental, a cartografia e a bibliografia, as crónicas e as notas arquitetam, na sua aparente simplicidade, uma “*geopoética*” da alma açoriana.

Ainda que o título e o índice possam surpreender o leitor, não precisa o mesmo de avançar muitas páginas para ver esclarecidas algumas das dubiedades que poderiam assaltar o seu espírito, uma vez ter feito Tabucchi questão de, por honestidade e retidão, prefaciar a sua obra com algumas elucidações sobre a estrutura e contextualização literária e geográfica da mesma. Assim, partindo do espaço geográfico real do Arquipélago dos Açores e de uma viagem autêntica, “*Eu pus efetivamente o pé em terra, e este livro teve como origem (...) um período de tempo passado nos Açores*” (2013), como assevera Tabucchi na página 8, o escritor oferece-nos, como o próprio procura revelar, um texto ficcional, cujas temáticas emergem não apenas desse espaço verídico, mas, igualmente, de características pessoais que são intrínsecas ao autor e que o mesmo confessa. São elas a tendência de escrever de acordo com a sua “*indole*” (2013: 7), de apreciar “*cultivar ilusões*” (2013: 7) e de ter “*propensão para a mentira*” (2013: 8). Diz-nos tudo Tabucchi nesta confidência. O seu

⁵⁶ mundo. Perturbou-o a paisagem e as condições climáticas, os habitantes e os "deuses" das fantásticas ilhas que emergem do "mar ignoto (...) sem fim e sempre igual" (Tabucchi, 2013: 11).

Ainda no texto introdutório, Tabucchi enfatiza duas das histórias do livro, as quais, conforme afirma, "não seria de todo descabido considerar como ficção" (Tabucchi, 2013: 8). Trata-se dos textos "Antero de Quental, uma vida" (pp. 39 a 45) e "Mulher de Porto Pim, uma história" (pp. 75 a 84). A primeira, contada "segundo os cânones do hipotético" (Tabucchi, 2013: 8), deve-a, conforme afirma, "à sugestão de Octávio Paz de que os poetas não têm biografia" (Tabucchi, 2013: 8). Por essa razão, a contou "como se de uma vida imaginária se tratasse" (Tabucchi, 2013: 8). A segunda partiu das "confidências de um homem" (Tabucchi, 2013: 8) que o escritor supõe ter encontrado "numa taberna de Porto Pim" (Tabucchi, 2013: 8). Relembremos que Tabucchi havia afirmado que o tema dos naufrágios, "na sua aceção de atos gorados e fracassados", portanto no sentido metafórico do termo, era também fundamental no livro. E não são estas duas diegeses exemplos de vidas malogradas e frustradas?

Menciona ainda os textos "Pequenas baleias azuis passeiam nos Açores, Fragmento de uma história" (pp. 19 a 26), que considera "como ficção orientada" (Tabucchi, 2013: 9), e o brevíssimo texto que encerra o livro, antes do inusitado "Apêndice Final" (pp. 89 a 95), intitulado "Post Scriptum, uma baleia vê os homens" (pp. 85-86). Duplamente inspirado, como nota o próprio Tabucchi, este último trecho de prosa poética surge, por um lado, estimulado pelo vício de "espreitar o outro lado das coisas" (Tabucchi, 2013: 9); por outro, inspirado pela poesia de Carlos Drummond de Andrade, a quem dedica o texto, poeta com quem aprendeu a "ver os homens através dos olhos doloridos de um lento animal" (Tabucchi, 2013: 9).

⁵⁶ Camões situou esse mesmo jardim em outras ilhas então portuguesas: Cabo Verde.

Temos vindo a dizer que este belo e imperdível livro pode ser lido como uma espécie de "guia" para os Açores, pelo menos para 'os Açores de Tabucchi', e que a obra é sem dúvida uma declaração de amor a um lugar que marcou o escritor. Contudo, ressalta também a imagem metafórica das baleias e dos baleeiros, temática que continua a fazer parte do imaginário e da memória coletiva deste arquipélago.

No livro desponha igualmente a elegia de uma atividade em extinção, assomando a baleia como arquétipo e premonição do fim dos baleeiros, como atesta o final do episódio "Uma caçada" (pp. 68 – 74). O "mestre baleeiro" (Tabucchi, 2013: 69), o senhor Carlos Eugénio, questiona o visitante sobre as razões que o levaram a participar naquela "jornada" (Tabucchi, 2013: 74). E o visitante, indeciso, responde: "Talvez por estarem ambos em extinção (...) vocês e as baleias, julgo que foi por isso" (Tabucchi, 2013: 74). Sente-se percorrer os textos uma profunda e taciturna compreensão face à atividade baleeira, brotando das descrições detalhadas do esforço e valentia dos homens numa faina que o escritor quis ver de perto para melhor compreender. Ao mesmo tempo, atinge o leitor a crueldade e frieza da matança, ponto de vista que nos é oferecido tanto pela olhar do "visitante" como pelo das próprias baleias.

Uma imensa melancolia assoma na história da bela Yeborath, morta com um arpão, narrativa marcada pela intriga amorosa, pela prisão, pelo sentimento de traição e pela morte. É a história de um amor correspondido, contudo interrompido. Um amor sentido e verdadeiro, que terminou em tragédia à semelhança da morte de uma baleia: "(...) a baleia, assobiando, levanta a cabeça completamente e respira; o jacto que sibila pelo ar é rubro de sangue, no mar alastra uma poça vermelha e um borraçeiro de gotas purpúrias, trazidas pela brisa, chega até nós e suja-nos o rosto e a roupa" (Tabucchi, 2013: 72).

restritamente e acima de tudo – sou um escritor do Pico. Da minha ilha, da minha Terra. E, porque sou Povo – do Povo da minha, da nossa ilha, da minha, da nossa Terra. Boa parte dos meus livros aqui, na nossa ilha, na nossa Terra, se situa. Do Povo, do nosso Povo, são os modelos da grande maioria das personagens que neles vivem.”⁵⁷

O tratamento que a temática recebe em escritores como José Martins Garcia, Álvaro Oliveira ou Manuel Ferreira Duarte é já o da distanciação. Por exemplo, no conto “Não é para me gabar”, de Álvaro Oliveira, do livro *Contos com desconto* (1991), a caça à baleia pertence definitivamente à memória. A estabulação e o imaginário estão já nitidamente numa fase pós-baleação.

Seguindo a tese de Urbano Bettencourt no ensaio “Baleação na narrativa Açoriana”, os temas da baleia e da baleação surgem, na Literatura, através de dois tipos de olhares: um olhar interior, de que acabámos de dar alguns (poucos) exemplos, e um olhar exterior. *Mulher de Porto Pim* e *Outras Histórias* de António Tabucchi exemplifica esse olhar ‘de fora’ de uma atividade açoriana em declínio, irremediavelmente a caminho da fixação absoluta no imaginário e na memória.

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, Urbano (1995). “A baleação na narrativa açoriana (e duas ou três ‘fugas)”. In *O Gosto das Palavras II* (Leituras e Ensaios). Ponta Delgada: Jornal de Cultura. Pp. 57 - 70.
BRANDÃO, Flaul (2011). *Ilhas Desconhecidas*. Quetzal Editores. ISBN: 9789725649398.

⁵⁷ Informação disponível em <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/roteiros/2012820155556.pdf>>, p.4. Consulta em 24/07/2015.

CABRAL, Carla (2003). “Os contos de Álvaro Oliveira: os novos caminhos do conto.” *Forma breve* 1. P. 163-178

CRISTÓVÃO, Fernando (2002). “Para uma Teoria da Literatura de Viagens”. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina.

DORES, Victor Rui (1999). “Baleia na literatura de expressão açoriana”. In *Enciclopédia Açoriana Centro de Conhecimento dos Açores*. Disponível em <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx?id=5534>>. Consulta a 23/07/2015.

GARCIA, J. M. (1978). *Vitorino Nemésio, a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia. Governo dos Açores (s. d). *Roteiros e Cultura dos Açores, Personalidades, Dias de Melo*. Presidência do Governo. Direção Regional da Cultura. Informação disponível em <<http://www.culturacores.azores.gov.pt/ficheiros/roteiros/2012820155556.pdf>>. Consulta a 24/07/2015.

MENDONÇA, Fernando (1994). “Álvaro Oliveira, contos com desconto.” *Colóquio Letras*, n.º 134, outubro. Pp. 155-156.

NEMÉSIO, Vitorino (2004). *Mau tempo no canal*. Relógio D’Água. ISBN: 978972708792.

PEREIRA, João Pedro, Nicolau Ferreira e Sérgio B. Gomes (2012). “Morreu Tabucchi, o escritor italiano que escolheu Portugal”. *Público*, 25/03. Disponível em <<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/morreu-o-escritor-italiano-antonio-tabucchi-153932>>. Consulta a 25/06/2015.

RUTHERFORD, Eithan (2013). “The Woman of Porto Pim, by Antonio Tabucchi: This unclassifiable and wildly inventive book will transport readers to an isolated Azores archipelago”. Disponível em <<http://www.stattribune.com/review-the-woman-of-porto-pim-by-antonio-tabucchi/207799401/>>. Consulta a 25/06/2015.